

GRADIÊNCIA E VARIAÇÃO NAS CONSTRUÇÕES DE FOCO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Maria Luiza Braga
Diego Leite de Oliveira
Elisiene de Melo Barbosa*

RESUMO

Caracterizamos e exemplificamos oito diferentes tipos de construções clivadas no português brasileiro. Mostramos que as diferenças entre as construções, quanto a suas propriedades morfossintáticas, são de ordem quantitativa, o que explicaria sua potencial intercambialidade. Defendemos que algumas delas exibem um grau mais elevado de gramaticalidade e que servem à sinalização de foco em orações simples.

PALAVRAS-CHAVE: construções de foco; português brasileiro; variação e intercambialidade.

As questões relativas à quantidade/frequência/ocorrência de padrões linguísticos podem ser centrais em certas abordagens e, a título de exemplo, considere-se a sociolinguística variacionista (Labov 1972¹). De acordo com este modelo, a análise quantitativa requer a criteriosa investigação qualitativa de cada dado empírico, a partir de categorias predeterminadas por hipóteses linguísticas. Cabe às medidas estatísticas a identificação do “peso” de cada fator/cada variável para aplicação de uma regra particular. Tais medidas, permitem, conseqüentemente, a hierarquização dos fatores e variáveis independentes que motivam a seleção de uma variante.

¹ LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

Nos estudos sobre gramaticalização, considerações relacionadas à frequência também são pertinentes. Para Bybee (2010)², por exemplo, a repetição é um dos processos caracterizadores da gramaticização, como se pode verificar no trecho seguinte: “Eu proporei uma nova definição de gramaticização, uma que reconheça o papel crucial da repetição na gramaticização e que a caracterize como o processo graças ao qual uma sequência frequentemente usada de palavras ou morfemas se torna automatizada como uma única unidade de processamento.” (Bybee 2010: 603)³. Baseando-se em Haiman (1994), Bybee defende que a repetição leva à ritualização de que decorrem a habituação, a automatização, a redução de forma e a emancipação. Em outras palavras, para Bybee, a natureza da representação cognitiva pode se modificar em função da frequência de uso.

Neste trabalho, voltamo-nos para algumas dessas questões a partir do exame de um conjunto de construções de foco, tais como são usadas na variedade carioca do português brasileiro⁴. A coexistência e produtividade de um grande número de padrões clivados nesta variedade linguística suscitam questões várias que têm a ver com sua representação, suas correlações com propriedades gramaticais e pragmático-discursivas e a potencial intercambialidade entre elas.

As construções de foco que nos interessam são, usualmente, referidas como construções clivadas que, por seu turno, são caracterizadas como uma estrutura complexa formada por duas orações, uma das quais introduzida por um *pronomine relativo* ou *palavra QU* e a outra apresentando o verbo *ser*. A esta estrutura bioracional corresponde uma proposição que poderia ter sido expressa por uma oração simples equivalente, isto é, desprovida da *palavra QU*

² BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

³ “I will argue for a new definition of grammaticization, one which recognizes the crucial role of repetition in grammaticization and characterizes it as the process by which a frequently used sequence of words or morphemes becomes automated as single processing unit.” (Bybee 2010: 603).

⁴ Os dados de fala foram coletados na Amostra80, conjunto de 64 horas de gravação e transcrição de fala semicolóquial de cariocas, estratificados segundo as variáveis sociais sexo-gênero, idade, grau de escolaridade. Como todos os dados de fala provêm de uma mesma amostra, serão fornecidas neste artigo informações apenas sobre o número do falante e seu gênero-sexo. A referida amostra, constituída entre o final da década de 70 e início dos anos 80, integra o acervo do PEUL – Projeto de Estudos sobre o Uso da Língua, sediado na UFRJ. Eventualmente, serão apresentados dados identificados na internet. As indicações relativas à fonte do dado ocorrem entre parênteses.

e verbo *ser*. Estas propriedades são referidas em uma série de caracterizações (Crystal 1985⁵, Pavey 2003⁶, Hedberg 1988⁷, a título de exemplo) e podem ser conferidas em Lambrecht (2001)⁸:

“Uma CONSTRUÇÃO CLIVADA é uma estrutura complexa que consiste de uma oração matriz introduzida por uma cópula e de uma oração relativa ou tipo relativa cujo argumento relativizado está coindexado ao argumento predicativo da cópula. Consideradas juntas, as orações matriz e relativa expressam uma proposição logicamente simples, que poderia ter sido igualmente expressa sob a forma de uma oração simples sem mudança nas condições de verdade.” (LAMBRECHT, 2001, p. 4)⁹

Desde Jespersen (1949, pag. 147, apud LAMBRECHT 2001, pag. 3¹⁰), em seu trabalho seminal, as construções clivadas tendem a ser associadas à expressão de foco, razão pela qual nos referiremos variavelmente a nosso fenômeno em análise como construções clivadas e construções de foco. O conceito de construção, por seu turno, remete a Goldberg (1995, 2006)¹¹,

⁵ CRYSTAL, David. Dicionário de Linguística e Fonética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

⁶ PAVEY, Emma. “An analysis of it-clefts within a Role and Reference Grammar framework”. International Conference on Role and Reference Grammar. São José do Rio Preto (SP): UNESP, 2003.

⁷ HEDBERG, Nancy Á. “The Discourse Functions of Cleft Sentences in Spoken English”. Linguistic Society of America, 1988.

⁸ LAMBRECHT, Knud. “A framework for the analysis of cleft constructions”. *Linguistics* 39.3: 463-516. 2001.

⁹ A CLEFT CONSTRUCTION is a complex structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula. Taken together, the matrix and the relative express a logically simple proposition, which can also be expressed in the form of a single clause without a change in the truth conditions.” (LAMBRECHT, 2001, p. 4)

¹⁰ JESPERSEN, Otto. *A modern grammar on historical principles*. Part VII, Syntax. Copenhagen, Ejnar Munksgaard, 1949.. Apud Lambrecht, Knud (2001) “A framework for the analysis of cleft constructions”. *Linguistics* 39.3: 463-516. 2001.

¹¹ GOLDBERG, Adele E. *Constructions A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

- _____. *Constructions at Work. The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

Croft (2001)¹² e Bybee (2010) e é entendido como um pareamento entre forma e significado/função para o qual as questões atinentes à composicionalidade e esquematicidade são relevantes.

Com respeito ao português brasileiro, a análise de amostras de fala, produzidas em situações não-laboratoriais de comunicação, revela a coexistência de uma grande variedade de construções clivadas, algumas das quais se conformando à definição proposta por Lambrecht (2001) e outras dispensando a presença ou do verbo *ser* ou da *palavra QU*, ou seja, prescindindo do critério da bioracionalidade.

À primeira vista, estas construções poderiam ser distribuídas em duas “subfamílias” (Cf. Braga e Barbosa 2009¹³), uma das quais incluiria as Pseudo-Clivadas, correspondentes às *Wh-Clefts* do inglês, as Pseudo-Clivadas Invertidas, as Pseudo-Clivadas Extrapostas e, possivelmente, a variante Foco Ser. A outra “subfamília” congregaria as chamadas Clivadas Canônicas, correspondentes às *It-Clefts* do inglês, as Construções Ser Que, as Construções Que e as Construções Ser... Ser Que. Esta dispersão de estratégias de focalização, sua gradiência e variação suscitam questões várias e, neste trabalho, interessam-nos as seguintes:

- i. Exibiriam as variadas construções de foco os mesmos correlatos gramaticais e pragmático-discursivos, podendo, portanto, ser intercambiadas livremente?
- ii. Poderiam as medidas estatísticas constituir critérios confiáveis para se deslindarem as relações entre os membros de cada subfamília?

Este trabalho compreende 3 seções. Na primeira, descrevemos, exemplificamos e analisamos as construções de foco segundo algumas variáveis de natureza morfossintática. Na segunda, consideramos a gradiência das Construções Foco Ser. As considerações finais são apresentadas na terceira parte.

¹² CROFT, William. *Radical construction grammar. Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

¹³ BRAGA, Maria Luiza; BARBOSA, Elisiene de Melo. “Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista”. *Matraga*, v. 16, n. 24:173-196, Rio de Janeiro, 2009.

1. Estratégias de focalização no português falado no Brasil

Com vistas a responder a primeira das questões norteadoras deste trabalho, descrevemos, exemplificamos e investigamos sete variantes clivadas¹⁴ segundo a classe de palavras e função sintática do constituinte focalizado e a correlação modo-temporal entre o verbo *ser* e o predicado verbal da oração subordinada.

1. Construções Pseudo-Clivadas

	Quem/O Que	Oração sem constituinte clivado	Ser	Constituinte Clivado
(1)	F: <i>Quem</i>	estava com a chave	<i>era</i>	<i>o jardineiro</i> . (18, f)

2. Construções Pseudo-Clivadas Invertidas

	Constituinte Clivado	Ser	Quem/O Que	Or. sem constituinte clivado
(2)	F: <i>Esse padre</i>	<i>foi</i>	<i>quem</i>	deixou (o colégio) para a ordem (26, m)

3. Construções Pseudo-Clivadas Extrapostas

	Ser	Constituinte Clivado	Quem/O que	SV
(3)	F: <i>É</i>	<i>ele mesmo</i>	<i>quem</i>	declama. (Revista O Globo, 27/01/2013)

4. Construção Foco Ser

	Oração sem Constituinte Clivado	Ser	Constituinte Clivado
(4)	F: Todo homem que está ficando velho quer	<i>é</i>	<i>jogar</i> . (30, m)

5. Construção Clivada Canônica

	Ser	Constituinte Clivado	Que	Or. sem constituinte clivado
(5)	<i>Fui</i>	<i>eu</i>	<i>que</i>	escrevi. (43, f)

6. Construção Ser Que

	Constituinte Clivado	Ser	Que	Or. sem constituinte clivado
(6)	F: <i>Eles</i>	<i>é</i>	<i>que</i>	uma vez implicaram comigo (26, m)

7. Construção Que

	Constituinte Clivado	Que	Or. sem constituinte clivado
(7)	F: <i>Eles</i>	<i>que</i>	enrolaram (18, f)

¹⁴ A descrição é baseada em Prince (1978). PRINCE, Ellen. "A comparison of wh-clefts and it-clefts in discourse". *Language* 54: 883-906, 1978.

8. Construção Ser... Ser Que

	<i>Ser</i>	Constituinte Clivado	<i>Ser Que</i>	Or. Sem constituinte clivado
(8)	<i>É</i>	<i>o homem</i>	<i>é que</i>	faz ele violento, né? (22, f)

Nas construções Pseudo-Clivadas, o constituinte focalizado ocorre à direita do verbo *ser*, funciona, não marcadamente, como *sujeito*¹⁵, expresso por SN de núcleo substantival ou pronominal, e seu referente tende a apresentar os traços [+referencialidade], [+identificabilidade] e [+animacidade]. Em caráter excepcional, verbos ergativos podem ter seu argumento focalizado em uma construção clivada. Para esta variante, a correlação modo-temporal entre o verbo *ser* e o predicado verbal da oração subordinada é categórica, como pode ser verificado em (9).

(9) F: Tudo aí é uma questão de conversar, entrar num entendimento e dá
tudo certo.

E: Hanhan.

F: Mas muita das vezes *o que falta é um diálogo* (05, f)

As Pseudo-Clivadas Invertidas e as Pseudo-Clivadas Extrapostas compartilham com as Pseudo-Clivadas a função sintática e os traços semântico-pragmáticos do referente do constituinte focalizado e a correlação modo-temporal. Também mobilizam uma leitura identificacional, diferindo quanto à posição do constituinte clivado que pode ocorrer ou à direita de *ser* (Pseudo-Clivada Extraposta) ou a sua esquerda (Pseudo-Clivada Invertida).

Pseudo-Clivada	<i>Quem</i> estava com a chave <i>era o jardineiro.</i>
Pseudo-Clivada Extraposta	<i>Era eu quem</i> caprichava no sapato da minha irmã.
Pseudo-Clivada Invertida	<i>Esse padre foi quem</i> deixou (o colégio) para a ordem.

¹⁵ Objetos diretos e circunstanciais também podem preencher a posição de foco das Pseudo-Clivadas. O exemplo seguinte foi coletado na ferramenta de pesquisa Google:

O que eu quero é uma mulher (Canal da Rádio Comercial no You Tube, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=nFAsUIpL8B4>)

Essas três variantes, enquanto estruturas identificacionais, parecem admitir livremente a inversão de seus segmentos constitutivos. As duas últimas são de ocorrência rarefeita e não serão mais referidas.

As Construções Foco Ser compartilham com as Construções Pseudo-Clivadas o fato de focalizarem um constituinte que ocorre à direita do verbo *ser*, frequentemente, o último constituinte da estrutura clivada. Diferem quanto à grande variabilidade de fronteiras de eleitoras nas quais a forma flexionada do verbo *ser* é inserida: pode ocorrer intercalada entre as partes constitutivas do modal *ter que*; entre o morfema gramatical *ir*, indicador de tempo-modalidade, e o verbo principal; entre a oração matriz e sua encaixada; antes do objeto direto, predicativo, adjunto, oblíquo, circunstancial, aposto e argumento de verbo ergativo, como se exemplifica a seguir.

(10) F: Tem mais *é que ver coisa velha* (16, f)

(11) F: Vou *é viver a vida*. (25, m)

(12) F: A gente queria *era rever algumas coisas* (41, m)

(13) F: Tinha que fazer *era mamadeira* (34, f)

(14) F: Eles ficam *é enciumado* (44, f)

(15) F: Eu vou vender *é por quinhentos (cruzeiros)* (26, m)

(16) F: Eu gosto mesmo *é daqui de Ipanema* (34, f)

(17) F: Vou *é para casa* (05, f)

(18) F: Apareceu *foi a metade do corpo* (03, m)

Para a maioria das Construções Foco Ser, a questão dos traços [\pm referencialidade], [\pm animacidade], e [\pm identificabilidade] não se coloca e os poucos SNS focalizados nestas construções tendem a apresentar o traço [-especificidade]. Outra diferença, com relação às Construções Pseudo-Clivadas, diz

respeito à correlação modo-temporal que é variável em se tratando de Construções Foco Ser: 13,3% (4/41) dos dados dispensam-na como se exemplifica em (19). Os resultados apresentados até o momento são, portanto, sugestivos de uma potencial descategorização do verbo *ser* que estaria se cristalizando na 3ª.pessoa do singular do presente do indicativo, como um marcador invariável de foco. Por outro lado, seu pequeno corpo fônico favorece sua inserção em, praticamente, todas as fronteiras de constituintes e a única restrição diz respeito à posição do sintagma ressaltado, que deve sempre ocorrer a sua direita.

(19) F: Quando o povo não estava *é identificado com ele* (41, m)

A outra “subfamília”, como mencionamos na introdução, é integrada pelas Clivadas Canônicas, Construções Ser Que, Construções Que e Construções Ser...Ser Que. As Clivada Canônicas compartilham com as Pseudo-Clivadas o fato de permitir a focalização de substantivos e pronomes pessoais, empregados, em proporção quase equânime, quer em acepção [+específica], como se ilustra em (20), quer em acepção [-específica], como se exemplifica em (21). Elas divergem, no entanto, por admitirem, na posição focal, uma vasta gama de classe de palavras: demonstrativos em referência estendida (22), dêiticos seja em referência a lugar, tempo ou modo, (23) e de itens utilizados como recurso anafórico (24), fato compatível com o caráter invariável da palavra *Que*.

(20) F: Mas ela (mãe da falante) não faz vestido de noiva, não, ela faz vestido assim para madrinha, para daminha, para mãe, para irmã, faz para todo mundo, menos para noiva! Não sei, acho que é dela mesmo. Se bem que o vestido dela, *foi ela que fez*, dela, da minhas tias, ela que fez (39, f)

(21) F: ... paulista tá tão preocupado em trabalhar, né? que a gente diz... O carioca goza muito o paulista, né? E diz que ele só sabe trabalhar, né? Vai ver que *é ele que* talvez tenha mais campo de trabalho, não é mesmo? (45, m)

(22)F: Se der para me formar, tudo bem, né? Se não der eu ir arranjar uma coisa melhor para mim viver minha vida, eu sozinha, sabe? sem ter que morar na casa dos outros. *É isso que* eu quero (05, f)

(23) E: *Foi lá que* você conheceu a Roseli? (01, m)

A alteração de ordem entre oração subordinada e constituinte focalizado é vedada a esse tipo de construção, e a percentagem para a correlação modo-temporal é inferior àquela apresentada pelas Construções Foco Ser (3,00%) (1/55).

As diferenças entre os dois outros mecanismos de focalização – Construções Ser Que e Construções Que – também são de ordem quantitativa. Com elas, podem-se ressaltar SNs com núcleo pronominal e substantival, associados quer a referentes com leitura [+ específica], conforme se ilustra em (24), quer com leitura [- específica], como se exemplifica em (25), e, principalmente, pronomes demonstrativos com referência estendida, dêiticos, elementos com função anafórica e orações hipotáticas. Quanto à classe de palavras e função sintática do constituinte focalizado, as similaridades entre Clivadas Canônicas, Construções Ser Que e Construções Que são acentuadas e são sugestivas da maior homogeneidade dessa subfamília.

(24) F: E nós dizemos em Minas que *o carioca é que* puxa o “s”. (27, f)

(25) F: *Só eu e o Joãozinho que* somos solteiros (09, m)

(26) F: Eu não sei te dizer se *agora é que* tá certo ou se *antes é que* era errado, né? (34, f)

(27) F: *Depois que* eu cá na real. (15, m)

(28) F: Ah! Porque eu sou preso, eu fui preso uma vez, eu sou revoltado, vou sair daqui metendo bronca *aí que* eu vou assaltar mesmo!” (05,f)

A palavra QU nas Construções Clivadas Canônicas, Construções Ser Que e Construções Que é insensível ao traço [\pm animacidade] e sua invariabilidade se coaduna com a focalização de itens dêiticos e anafóricos. Por fim, vale lembrar que os segmentos constitutivos da estrutura clivada não podem ter a ordem alterada, como se pode verificar na construção a seguir:

(29a) F: *Fui eu que* escrevi. (43, f)

(29b)? *Que* escrevi *fui eu*.

No que tange à correlação modo temporal, as Construções Ser Que exibem um mais alto grau de fixidez do que as construções Clivadas Canônicas e Foco Ser: enquanto nas duas últimas estruturas o verbo *ser* ainda se mostra variavelmente sensível ao modo-tempo do verbo da oração introduzida pela palavra QU, nas primeiras ele se encontra relativamente descategorizado, isto é, na amostra em exame, ocorre sempre na 3ª pessoa do singular, presente do indicativo, independentemente do tempo-modo do outro verbo, como se exemplifica em (30). Em outros *corpora*, todavia, podem ser identificadas ocorrências com o verbo *ser* em tempos verbais diferentes do presente do indicativo, como se exemplifica em (30b)

(30) F: *Esse braço é que* quebrou um pouquinho (18, f)

(30b) *O homem foi que* chamou a polícia. (Portal Cantu)

Uma outra evidência a favor da hipótese que concebe a Construção Ser Que como descategorizada é fornecida pela ausência de concordância número-pessoal com o constituinte focalizado, como se verifica em (31)

(31) F: *Nós é que* vamos ser prejudicado. (07, m)

As questões suscitadas a propósito das Construções Ser Que não se colocam para as Construções Que, já que elas dispensam o verbo *ser*. A questão é de outra natureza e remete à própria concepção de estrutura clivada: uma vez que a palavra QUE, à semelhança de *ser* nas Construções Foco Ser, funciona apenas como um marcador de foco, poderiam estas estruturas ser caracterizadas como clivadas?

Por fim, vale ressaltar que as Construções Ser... Ser Que se comportam como os demais membros desta subfamília. Através dela se focalizam SNs, na função de sujeito, e dêiticos. Dada sua baixa frequência, não serão consideradas daqui para frente.

Como mostramos até o momento, a identificação de cada padrão estrutural não é problemática. A gradiência e variação se manifestam de acordo com suas propriedades gramaticais, como pode ser verificado nas representações gráficas que são mostradas a seguir:

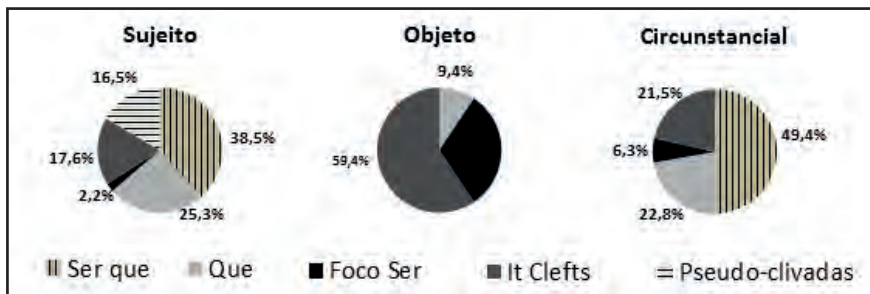


Figura 1: Função sintática dos constituintes clivados

Os gráficos acima revelam que os *sujeitos*, os *objetos diretos* e os *circunstanciais* podem, em princípio, ser focalizados pelas diferentes estratégias clivadas. Há, porém, diferenças estatísticas interessantes entre esses vários tipos: *Ser que*, por exemplo, associa-se mais frequentemente à focalização de *sujeitos* e *circunstanciais*; as *Clivadas Canônicas*, por seu turno, são mais utilizadas quando da focalização de *objetos diretos*. No que tange aos *sujeitos*, as diferenças percentuais entre *Pseudo-Clivadas* e *Construções Que* são pequenas. Constatação similar pode ser verificada a propósito da focalização de *circunstanciais* por *Clivadas Canônicas* e *Construções Que*.

Os gráficos relativos às classes de palavras dos constituintes focalizados são mostrados a seguir:

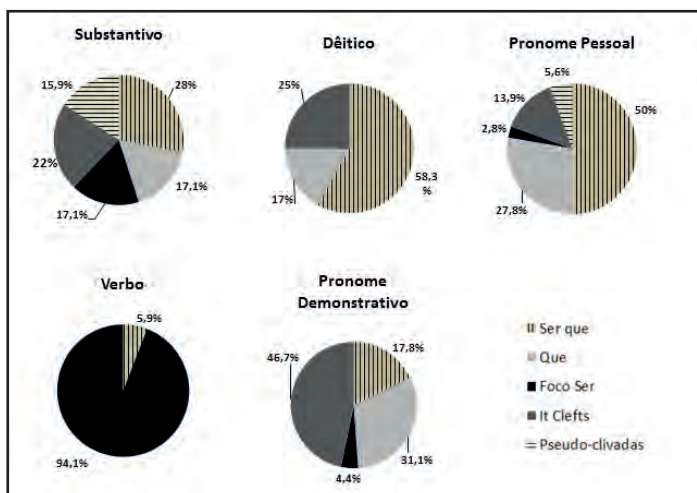


Figura 1. Civadas e classes de palavras.

Os gráficos acima mostram que os *substantivos*, potencialmente, são focalizados pelos variados mecanismos de clivagem e que as diferenças percentuais entre eles não são acentuadas. Os *dêiticos* são ressaltados, não marcadamente, por *Construções Ser Que*, e, com frequência mais restrita, pelas *Clivadas Canônicas* e *Construções Que*. Os *Pronomes pessoais* são salientados, mais amiudadamente, por *Construções Ser Que*; mas podem sê-lo, também, pelas *Construções Que e*, mais raramente, pelas outras estratégias. Os *verbos* exibem menor variação, visto que sua focalização por meio de outra construção diferente de *Foco Ser* é esporádica. Os *pronomes demonstrativos*, por seu turno, tendem a ser ressaltados por *Clivadas Canônicas* e, em proporção menor, também por *Construções Que* e *Construções Ser Que*. Sua focalização por meio de *Construções Foco Ser* é esporádica.

A variação salientada ao longo deste trabalho parece constitutiva das construções estudadas, o que justificaria a potencial intercambialidade entre elas. O exame de dados empíricos, inclusive, mostra como um mesmo falante, quase sequencialmente, pode parafrasear um conteúdo proposicional usando construções diferentes, conforme exemplifica o trecho seguinte:

(32) F: O rombo é muito grande. O rombo está muito grande. Então para eles tentar fechar, *quem sofre é a gente*, rapaz! *É a gente é que sofre*. Gasolina subindo todo dia! todo dia gasolina sobe, agora! (25, m)

Ao destacar um constituinte por meio de marcas prosódicas e morfológicas, as construções em estudo fazem emergir uma nuance contrastiva, ausente da contrapartida não clivada. Embora em termos proposicionais possa se pensar até em uma equivalência entre estruturas clivadas e não clivadas, o valor retórico e os correlatos pragmático-discursivos das primeiras são singulares.

2. O estatuto das construções foco ser

Os padrões estruturais considerados na primeira seção deste trabalho se caracterizam, segundo a proposta de Traugott (2009)¹⁶, como microconstruções que, por sua vez, se organizam em duas mesoconstruções, aquela integra-

¹⁶ TRAUGOTT, Elizabeth Closs. "Grammaticalization and Construction Grammar". In CASTILHO, Ataliba Teixeira (Org.) História do Português Paulista. Série Estudos, vol. I. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009.

da pelas Clivadas Canônicas, Construções Ser Que, Construções Que, Construções Ser... Ser Que, por um lado, e aquela formada pelas Pseudo-Clivadas, Pseudo-Clivadas Invertidas, Pseudo-Clivadas Extrapostas, por outro lado. Elas coexistem com outras estratégias linguísticas às quais também tem sido atribuída a função de foco, como é o caso das chamadas Construções Foi Fez, atualmente rotuladas de paratáticas e examinadas, entre outros, por Rodrigues (2006)¹⁷ e Coelho (2013)¹⁸, e também as orações desgarradas, investigadas por Decat (2005)¹⁹. Esse rol de mecanismos estruturalmente distinto constitui a Macro Construção de Foco.

As construções objeto de nosso estudo são visceralmente variáveis, pelo menos no que tange às propriedades morfossintáticas investigadas – classe de palavras e função sintática do constituinte focalizado e correlação modo-temporal entre o verbo ser e o verbo da oração subordinada –, e sua melhor categorização se faz pela teoria dos protótipos.

Embora as questões relativas à gradiência (Bybee 2010) não representem uma dificuldade para a identificação de cada estratégia particular de focalização, a afiliação das Construções Foco Ser a uma das duas mesoconstruções que propusemos é delicada. Esse mecanismo de focalização compartilha com as Pseudo-Clivadas o fato de ressaltar constituintes que ocorrem à direita do verbo *ser* e, possivelmente, essa é a razão pela qual elas podem ser aproximadas. Todavia, como mostramos previamente, os dois tipos de padrão divergem quase frontalmente quanto às demais variáveis e parece-nos mais adequado considerar as Construções Foco Ser em sua especificidade.

As construções, como lembra Goldberg (1995), se submetem aos mesmos princípios que organizam as demais unidades linguísticas e, enquanto tal, devem contrair relações entre si. Em outras palavras, já que quase todas as estruturas clivadas analisadas aqui requerem a presença do verbo *ser*, usualmente na 3ª pessoa do singular, presente do indicativo, as relações entre elas e a Construção Foco Ser devem ser recíprocas e multilaterais.

¹⁷ RODRIGUES, Angélica Terezinha “Eu fui e fiz esta tese”: As construções do tipo foi fez no Português do Brasil. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2006.

¹⁸ COELHO, Carolina Medeiros. Construções com o verbo agarrar em Português Brasileiro e Europeu. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU, 2013.

¹⁹ DECAT, M. B. N. “Orações relativas apositivas: SN ‘soltos’ como estratégia de focalização e argumentação”. Veredas, v.8, n.1 e 2: 79-101. Juiz de Fora (MG): Editora UFJF, 2005.

Outra questão, muito mais especulativa, concerne ao potencial efeito de outras construções que, embora não estejam associadas a foco, valem-se do verbo *ser*, como é o caso do “é confirmativo” (Lopes 2013)²⁰ no contexto de pergunta sim/não e das chamadas orações subordinadas subjetivas. Embora nesses contextos o verbo *ser*, em princípio, possa ser utilizado em qualquer tempo e modo verbais, nas amostras de fala em estudo, ele é predominantemente usado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Esse emprego não marcado poderia estar repercutindo no uso das Construções Foco Ser?

Considerações Finais

Neste trabalho, consideramos um conjunto de estruturas associadas à sinalização de foco. Elas se caracterizam como legítimas construções, na acepção defendida por Goldberg (1995), vale dizer, atendem ao requisito de não composicionalidade. As construções examinadas são visceralmente gradientes e variáveis no que concerne a suas propriedades morfossintáticas, e as diferenças entre elas são de ordem quantitativa, o que explicaria sua potencial intercambialidade. Defendemos que as Construções Ser Que, Construções Que e Construções Foco Ser exibem um grau mais elevado de gramaticalidade e que servem à sinalização de foco em orações simples.

GRADIENCE AND VARIATION IN FOCUS CONSTRUCTIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT

In this paper we exemplify and analyze eight different types of cleft constructions in Brazilian Portuguese. We show that the differences among the constructions, with regard to their morphosyntactic properties, are quantitative, which explains their potential mutual interchangeability. We show that some of the constructions dis-

²⁰ LOPES, Quézia dos Santos. O item “É Confirmativo” em Contexto de Pergunta Sim/Não. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

play a higher degree of grammaticalization and function as focus marker in simple clauses.

KEY WORDS: focus constructions; Brazilian Portuguese; variation and interchangeability.

Recebido em: 11/12/2012

Aprovado em: 05/08/2013